

TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 1215

DA FRENTE PARA TRÁS: PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS À AGROPECUÁRIA E ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL NO BRASIL

**Rogério Edivaldo Freitas
Patrick Franco Alves**

Brasília, setembro 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 1215

DA FRENTE PARA TRÁS: PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS À AGROPECUÁRIA E ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL NO BRASIL

Rogério Edivaldo Freitas*
Patrick Franco Alves**

Brasília, setembro 2006

* Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos Setoriais (Diset) do Ipea.

** Consultor da Diretoria de Estudos Setoriais (Diset) do Ipea.

Governo Federal

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

Ministro – Paulo Bernardo Silva

Secretário-Executivo – João Bernardo de Azevedo Bringel



Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Luiz Henrique Proença Soares

Diretor de Cooperação e Desenvolvimento

Alexandre de Ávila Gomide

Diretora de Estudos Sociais

Anna Maria T. Medeiros Peliano

Diretora de Administração e Finanças

Cinara Maria Fonseca de Lima

Diretor de Estudos Setoriais

João Alberto De Negri

Diretor de Estudos Regionais e Urbanos

Marcelo Piancastelli de Siqueira

Diretor de Estudos Macroeconômicos

Paulo Mansur Levy

Chefe de Gabinete

Persio Marco Antonio Davison

Assessor-Chefe de Comunicação

Murilo Lôbo

URL: <http://www.ipea.gov.br>

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

ISSN 1415-4765

JEL Q16, Q10

TEXTO PARA DISCUSSÃO

Publicação cujo objetivo é divulgar resultados de estudos direta ou indiretamente desenvolvidos pelo Ipea, os quais, por sua relevância, levam informações para profissionais especializados e estabelecem um espaço para sugestões.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e de inteira responsabilidade do(s) autor(es), não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou o do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

A produção editorial desta publicação contou com o apoio financeiro do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), via Programa Rede de Pesquisa e Desenvolvimento de Políticas Públicas – Rede-Ipea, o qual é operacionalizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), por meio do Projeto BRA/04/052.

SUMÁRIO

SINOPSE

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO	7
2 PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS RELACIONADAS À AGROPECUÁRIA	9
3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	12
4 CARACTERIZAÇÃO DOS RESULTADOS	15
5 CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS	24

SINOPSE

Este trabalho dedicou-se a melhor compreender os serviços prestados às atividades agropecuárias e de exploração vegetal no Brasil. No caso brasileiro, os serviços de extensão rural e assistência técnica, dantes ofertados por empresas públicas ou paraestatais, experimentaram certa desorganização no cenário de reestruturação fiscal do Estado pós-1990.

Dada a grande carência de trabalhos sobre a prestação de serviços relacionados à agropecuária brasileira, delinear-se dois objetivos: traçar um perfil dos serviços relacionados à agropecuária e à extração vegetal – tanto em termos de variáveis reais e financeiras quanto relativamente aos demais setores prestadores de serviços –, bem como mapear uma possível realocação espacial das empresas de interesse.

Com base nos dados da Pesquisa Anual de Serviços (PAS) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), identificaram-se cerca de 4 mil empresas prestadoras de serviços à agropecuária e extração vegetal no Brasil, com ênfase nas Regiões Sul (número de empresas) e Sudeste (mão-de-obra). A mão-de-obra presente nessas empresas mostrou-se, em regra, de baixa qualificação. Além disso, não foram detectados sinais de concentração espacial dessas empresas no sentido da fronteira agrícola do Centro-Oeste.

ABSTRACT

This article was dedicated to understand better the services offered to agricultural and vegetable extraction in Brazil. In Brazilian case, rural extension and technical support to the producers have decreased with the State's budgetary changes during the 90's.

There is a lack of works about services offered to agricultural and vegetable extraction in Brazil. The study had two goals, i. e., design a profile of services offered to agricultural and vegetable extraction in Brazil (so in real variables as in monetary variables), and identify a possible spatial reallocation of related enterprises.

Based on the data of PAS (IBGE) 4.000 firms were identified, highlighting South region (number of firms) and Southeast region (employees). Moreover, there were not found signals of spatial concentration of the firms toward the Middle-West region.

1 INTRODUÇÃO

O setor agropecuário desempenha um papel de clara importância no contexto econômico brasileiro atual, seja em termos de participação na renda nacional, seja em desenvolvimento regional e saldo da balança comercial.

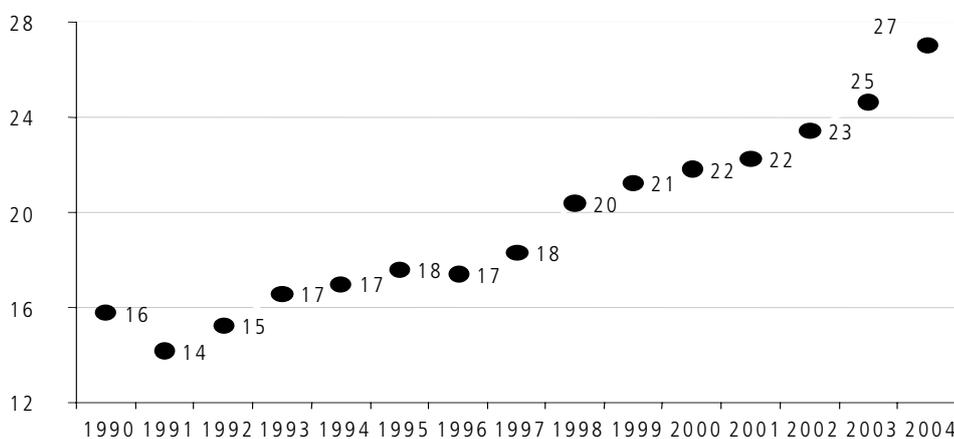
Sujeita à necessidade de suprir a segurança alimentar de um país em desenvolvimento, a agropecuária brasileira recebeu investimentos e subsídios diretos e para pesquisa que possibilitaram uma grande ampliação do volume produzido ao longo da segunda metade do século passado. Obviamente, esse processo exibiu gargalos e tensões não desprezíveis para o próprio setor e seus agentes (BACHA, 2004).

Historicamente, o setor agropecuário sempre foi importante em termos da obtenção de divisas externas. Em anos recentes, as exportações agropecuárias do país têm tido um papel importante para um frágil – e indispensável – equilíbrio do balanço de pagamentos local, proporcionando superávits localizados no saldo comercial brasileiro.

Ademais, um ponto também relevante é o fato de, praticamente desde a década de 1970, os maiores incrementos de produção agropecuária no Brasil se darem nas regiões de novas fronteiras agropecuárias do Centro-Oeste (CO) e Nordeste (NE). Segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2005a), o ano de 2005 foi o primeiro ano na série de levantamentos sistemáticos da produção agrícola em que a produção do CO suplantou a produção da Região Sul (S). De fato, desde 1990 a Região Centro-Oeste tem experimentado participação crescente no total de área plantada pela agricultura brasileira nas chamadas lavouras temporárias.¹ Confira-se o gráfico 1.

GRÁFICO 1

Proporção da Região Centro-Oeste na área de lavouras temporárias no Brasil, 1990-2004
(Em %)



Fonte: Produção Agrícola Municipal (PAM) do IBGE.

Elaboração dos autores.

1. Abacaxi, algodão herbáceo (em caroço), alho, amendoim em casca, arroz em casca, aveia em grão, batata-doce, batata-inglesa, cana-de-açúcar, cebola, centeio em grão, cevada em grão, ervilha em grão, fava em grão, feijão em grão, fumo em folha, juta (fibra), linho (semente), malva (fibra), mamona (em baga), mandioca, melancia, melão, milho em grão, rami (fibra), soja (em grão), sorgo granífero, tomate, trigo (em grão) (IBGE, 2002).

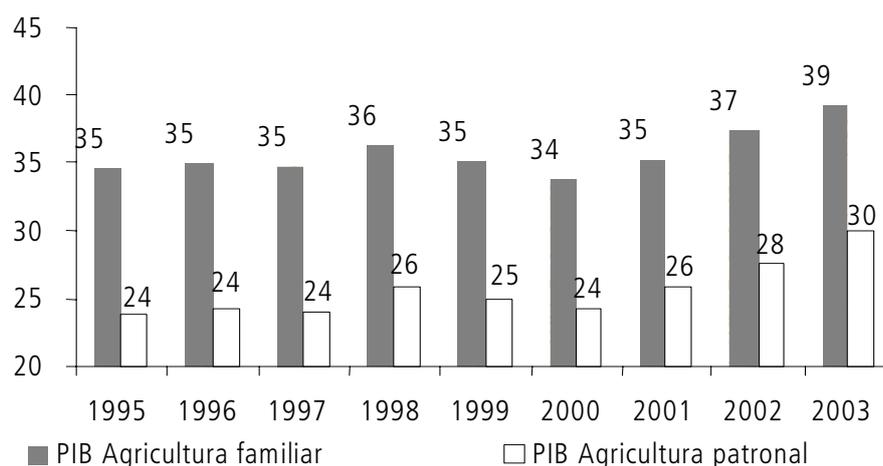
Esses argumentos ilustram a importância de se conhecer o setor, sobretudo na sua operação básica, dentro e em torno das unidades produtivas. Em especial, por conta dos padrões modernos da produção agropecuária, as relações de produção cada vez mais extrapolam os limites das porteiras de fazendas e granjas.

Nesse sentido, são notadamente importantes os serviços relacionados à agropecuária, à silvicultura e à exploração vegetal. Seja nas etapas de base preparatórias das fases de manejo e de produção, seja nas atividades de inseminação artificial, os serviços prestados à extração vegetal e à agropecuária são cada vez mais significativos para as operações em larga escala, bem como para maior grau de controle e intervenção nos estágios produtivos desses setores.

Um exemplo de quão relevantes se têm tornado essas atividades complementares à produção consta de Guilhoto *et al.* (2005). Os autores calcularam a importância da renda gerada nos segmentos de insumos (não agrícolas) e de agricultura, no pré-porteira ou ao largo da produção, no total do Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, conforme se identifica no gráfico 2.

GRÁFICO 2

Participação de insumos não agrícolas e agricultura no Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio
(Em %)



Elaboração dos autores, com base em Guilhoto *et al.* (2005).

Nesse trabalho, os autores calcularam o PIB do agronegócio nos segmentos patronal e familiar, desagregando a renda total entre as empresas que fornecem insumos às unidades agropecuárias, as unidades agropecuárias em si, as empresas processadoras de produtos agropecuários e as empresas distribuidoras.

Também nessa linha, é preciso destacar a centralidade de atividades relativamente novas, as quais se tornaram essenciais para o aproveitamento contínuo e sustentado dos recursos naturais brasileiros. É o caso das atividades de avaliação de massas florestais, estimativa de valor da madeira, cuidados florestais, todas elas incluídas num contexto maior de uso sustentável da biodiversidade local.

Todos esses elementos adquirem renovada importância, no contexto brasileiro, por conta da conhecida desfragmentação de parte dos sistemas estaduais públicos de extensão rural, em muitos estados do país.²

Sob tal foco, os serviços prestados como suporte à produção final do setor agropecuário carecem atualmente de uma melhor compreensão. Esse é o ponto para o qual este trabalho deseja-se contribuir.

Dados os argumentos elencados anteriormente, neste trabalho, propõem-se dois objetivos.

Em primeiro plano, traçar um perfil dos serviços relacionados à agropecuária e à extração vegetal, tanto em termos de variáveis reais e financeiras, bem como relativamente aos demais setores prestadores de serviços identificados na Pesquisa Anual de Serviços (PAS) do IBGE. Trata-se de uma fonte de informações que, salvo melhor juízo, não foi antes aproveitada nessa direção, com a possibilidade de ofertar resultados inéditos sobre os segmentos estudados.

Além disso, pretende-se identificar um possível perfil de desconcentração ou realocação espacial das empresas de interesse em razão do aparente ganho de importância relativa da Região CO no panorama recente da produção agropecuária nacional.

2 PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS RELACIONADOS À AGROPECUÁRIA

O trabalho de revisão teórica identificou uma grande carência de estudos sobre a prestação de serviços relacionados à agropecuária brasileira. Identificam-se trabalhos que discutem o setor de serviços no Brasil, mas nenhum deles com o foco deste estudo.

Em 1938, Colin Clark advogava que nos Estados Unidos ao menos 50% dos trabalhadores ocupados se encontravam em profissões fora da agricultura e da manufatura. De fato, o movimento histórico de deslocamento de mão-de-obra das atividades agropecuárias para as ocupações da indústria e dos serviços é bem conhecido e coincidente com o processo de urbanização e de industrialização que se deu nos países desenvolvidos, o qual ainda ocorre em certa medida nos países em desenvolvimento.³

Hoje, contudo, a realidade não é a mesma, e nem é tão linear.

Segundo Riddle (2002), há comércio dos países do Caricom⁴ envolvendo uma gama de serviços que até então eram incluídos entre os “outros” itens exportados. Dentre esses itens, constam os serviços relacionados à agricultura e à pesca, ao lado de uma ampla gama de serviços.⁵

2. Esse fenômeno trouxe impactos negativos, em particular, para os pequenos e médios produtores. Para detalhes, veja-se Ferreira e Garcia (2002).

3. No caso brasileiro, muitos fatores Estado-induzidos contribuíram para tal fenômeno. Os textos de Rezende (2005) e Brandão (2002) são referências iniciais sobre o tema.

4. Mercado Comum do Caribe, fundado em 1973, o qual contabilizava 15 membros em 2002 (DEARDORFF, 2005).

5. O autor enumera também diversos outros serviços, dentre os quais os serviços de contabilidade, arquitetura e engenharia, os serviços de suporte e manutenção, os serviços de pesquisa e desenvolvimento, os serviços financeiros e os serviços de pesquisa de mercado.

Os novos atributos desse tipo de atividade são também reconhecidos em EUA (1991), relatório do Congresso norte-americano que destaca a importância dos efeitos multiplicadores dos serviços relacionados à agropecuária por causa de suas ligações (*backward, forward*) intersetoriais.

Em primeiro plano, apontam-se os usos industriais das *commodities* agrícolas como formas mais rentáveis de incentivo à atividade básica de produção agrícola. Além disso, a pesquisa e o surgimento de novas variedades vegetais são vistos como condição *sine qua non* para o estabelecimento e a expansão de novos ramos industriais e de processamento. Realçam-se também os benefícios potenciais advindos da biotecnologia associada aos serviços prestados à agropecuária.

Sobre esse ponto, de acordo com Waterloo Wellington Training and Adjustment Board (WTAB) (2002), a natureza do emprego demandado para frente e para trás pela agropecuária se tem alterado profundamente em direção a ocupações mais diversificadas em termos de habilidades requeridas, seja no caso do fornecimento de insumos, seja na produção final com novos atributos de qualidade e de segurança, seja em atividades de suporte e de extensão no próprio trabalho a campo. Tais resultados foram particularmente referidos para o caso das pesquisas feitas em Ontário, no Canadá.

Esse estudo relaciona tal fenômeno à rápida expansão das funções especializadas em biotecnologia, tanto mais no contexto de produções agropecuárias, cuja unidade média de operação seja de larga escala, caso típico das oleaginosas, leguminosas e cereais.

Robinson (1999) sustenta esse argumento ao identificar o crescimento de importância da agricultura e dos serviços a ela relacionados na Província de Kings, no Canadá, no fim da década de 1990, em especial por causa do crescimento da demanda por insumos agropecuários e pela expansão dos setores de processamento de carnes, frutas e vegetais. O autor cita como prestação de serviços referidos à agropecuária os seguintes: venda e assistência técnica de maquinário e equipamentos agrícolas, vendedores intermediários de frutas e vegetais, contadores das fazendas, e serviços de transporte de grãos, alimentos processados,⁶ leite, cítricos, fertilizantes e outros produtos agropecuários finais.

No Canadá, Canadian Co-Operative Association (CCA, n.d.) reforça o fato de muitas dessas novas atividades terem sido estruturadas em torno de cooperativas, sobretudo, no caso do fornecimento de insumos, como fertilizantes, sementes, agroquímicos, venda e transporte de carne bovina processada e processamento de carnes de aves, e *marketing* para a comercialização de frutas e vegetais. O trabalho também destaca o surgimento de novas ocupações relacionadas à agricultura no caso dos produtos orgânicos submetidos à certificação, não só vegetais, mas também os lácteos.

Em particular, no que se reporta às atividades de manejo e preservação florestal, há de destacar-se o potencial relativo ao turismo histórico ou ecológico que pode vir a ser explorado nos espaços definidos como reserva florestal ou parque de preservação ambiental no Brasil.

Nos Estados Unidos, Wells (2002) aponta a existência de áreas rurais de grande valor estético e histórico, o que incentiva sua exploração comercial e a geração de

6. Em relação a esse tópico, veja-se Conceição e Almeida (2005), acerca de transformações na indústria brasileira de alimentos.

empregos, ao mesmo tempo em que se estruturam melhores condições materiais e justificativas para a preservação dessas áreas. Segundo a autora, programas específicos para o fomento do turismo rural funcionavam nos estados da Pensilvânia e de Vermont. Também na Europa, esse é um conceito bastante defendido na atualidade, entendendo-se que a produção agropecuária não se destina apenas, e tão-somente, à geração de bens econômicos, mas também à preservação do meio rural e de seus traços culturais e históricos específicos, e à sustentabilidade econômica de seus moradores.

Além de todas as considerações feitas anteriormente, um ponto inescapável é o crescimento de qualificação de mão-de-obra demandada pelo assim chamado “agronegócio”. Uma discussão terminativa acerca do perfil e da oferta de mão-de-obra qualificada para as diversas atividades que têm se desenvolvido na agropecuária e nas atividades extrativas mereceria um estudo específico.

Brevemente, esse tipo de demanda por mão-de-obra passa por dois elementos complicadores: a complexidade de operações entre a base da produção e o consumidor final do produto e a interface dessas operações em termos de conhecimentos de diversos matizes, como o tecnológico, o ambiental, o legal e o financeiro, para citar os principais.

Apenas como referência, o setor agropecuário e de extração vegetal está diretamente relacionado à demanda de profissionais de nível superior nas grades de administração, economia, engenharia agrônômica, engenharia agrícola, engenharia ambiental, engenharia florestal, engenharia de produção, engenharia de alimentos, medicina veterinária, zootecnia, nutrição, engenharia de aquíicultura e engenharia de pesca (GEPAI, 2005).

Todas essas informações apontam para o fato de o próprio uso integrado e sustentável dos recursos disponíveis passar por um sistema educacional eficiente em termos das ciências básicas diretamente atreladas à produção agropecuária e extrativa.

Segundo Willet (1998), a formação superior em agricultura passa pela dificuldade de integrar muitas disciplinas⁷ científicas, econômicas, sociais e práticas numa leitura holística, focada na busca da solução de problemas, os quais trafegam por temas que vão desde a segurança alimentar até o equilíbrio das contas nacionais.

Esse ponto é reforçado por Loh (2001). Tanto nas economias desenvolvidas como nas economias em desenvolvimento, o agronegócio depara-se com mudanças de grande velocidade, em especial, por causa da rápida propagação de novas tecnologias para grande número de produtores, característica conhecida dos mercados de *commodities* agropecuárias. Esse é um fenômeno que, não raro, vincula-se ao estreitamento de margens de rentabilidade do setor e à adoção de formas de manejo mais modernas por parte dos produtores agropecuários.

No Brasil, os trabalhos de Oliveira Jr. (2000), Meirelles (2003), e Melo *et al.* (1998) analisam o setor de serviços em nível agregado ou em recortes que não vislumbram especificamente as Classificações Nacionais de Atividades Econômicas (Cnaes) no nível das atividades analisadas neste trabalho.

7. No caso da produção agropecuária, há também o agravante de que muitas tecnologias de produção e manejo não podem ser simplesmente importadas, pois as condições diferem de país para país, sendo requerida educação e pesquisa específicas em cada nação (CSAKI, 1999).

3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Duas foram as ferramentas imaginadas com base nos objetivos propostos. Em primeiro lugar, a montagem de estatísticas descritivas sobre variáveis reais e financeiras que situem as atividades de interesse no contexto da prestação de serviços no Brasil.

O cálculo de estatísticas descritivas aplicadas às atividades observadas permitirá dimensionar a importância de tais atividades no conjunto das atividades de prestação de serviços, sondar o perfil da mão-de-obra ocupada em tais serviços e realizar inferências sobre a parcela relativa das variáveis reais e financeiras das empresas ao longo do período observado.

Em segundo plano, o cálculo do chamado Coeficiente de Gini Locacional (CGL). Neste trabalho, são três as referências básicas que serviram de suporte para os procedimentos de cálculo do índice, a citar, o trabalho seminal de Isard (1960), os desenvolvimentos de Krugman (1991) e, sobretudo, o texto aplicado de Suzigan *et al.* (2003).

Essa parte da metodologia consiste em medir o CGL com base nos dados da PAS/IBGE para uma agregação de três classificações Cnae quatro dígitos por grandes regiões brasileiras. Tal procedimento foi aplicado a duas variáveis reais, número de estabelecimentos e Pessoal Ocupado Médio (PO Médio) nas empresas.⁸

No caso específico de volume de emprego e de número de estabelecimentos para as Cnaes de interesse, poderiam ter sido utilizados dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Essa fonte de dados apresenta, porém, algumas características que limitam a qualidade das informações para os propósitos desta pesquisa.

Como primeiro ponto, ela oferece cobertura apenas para relações trabalhistas formalizadas mediante carteira de trabalho assinada. Além disso, a coleta de dados baseia-se na autoclassificação dos informantes, o que pode gerar problemas no que se reporta ao setor de enquadramento da firma. Um terceiro complicador decorre do fato de o declarante poder fornecer respostas únicas ao nível de empresa, ou referidas somente a partir da atividade correspondente a seu principal produto.

Essas características limitantes são particularmente mais graves no contexto dos serviços relacionados à agropecuária, em especial porque esses se encontram muitas vezes bastante dispersos geograficamente e não se encontram, necessariamente, apenas nas áreas geográficas mais desenvolvidas.

Ante tais argumentos, optou-se por utilizar as variáveis de interesse tomando a PAS como principal fonte de informação, e a Rais como fonte complementar de informação. A PAS tem duas vantagens básicas: inclui todos os assalariados pela empresa, com ou sem carteira assinada e, portanto, mensura os empregos formais e informais; ademais, é baseada em um critério de classificação setorial definido pelo IBGE, de modo que a empresa não se autodeclara como deste ou daquele setor, mas é enquadrada conforme as características identificadas na pesquisa.

8. O PO Médio é dado pelo pessoal ocupado médio durante os meses de funcionamento da empresa, em cada ano.

Nesse ponto, a idéia é, em primeiro plano, calcular os Quocientes Locacionais (QLs). Como exemplo, tomando-se o caso da variável emprego, uma definição do QL é a seguinte:⁹

$$QL_{ij} = (E_{ij} / E_{i*}) / (E_{*j} / E_{**}) \quad (1)$$

Em que:

E_{ij} = emprego do setor i na região j ;

E_{i*} = emprego no setor i em todas as regiões;

E_{*j} = emprego em todos os setores na região j ;

E_{**} = emprego em todos os setores em todas as regiões;

(E_{ij} / E_{i*}) = participação, do emprego do setor i na região j no emprego do setor i em todas as regiões. Ou alternativamente, a importância relativa da região j no emprego do setor i ;

(E_{*j} / E_{**}) = participação, do emprego em todos os setores na região j no emprego em todos os setores de todas as regiões. Ou ainda, a importância relativa da região j no emprego de todos os setores.

O QL indicará se a importância relativa da região (região frente a Brasil, por exemplo) é maior para o setor de interesse que para o conjunto dos setores. Ele não serve para comparações estritas ou absolutas entre regiões ou municípios.¹⁰

Calculados os QLs, pode-se calcular o CGL. O coeficiente é útil para analisar a concentração espacial das Cnaes de interesse em uma específica região, estado, ou município, isto é, se o setor ou atividade está se especializando numa determinada base geográfica.

Ao trabalhar com grandes regiões, por exemplo, o primeiro passo é ordená-las por ordem decrescente do QL, a partir de uma variável de escolha (pessoas ocupadas, por exemplo). A seguir, constrói-se uma curva de localização para o setor de interesse, definidos os pontos geradores da curva da seguinte forma:

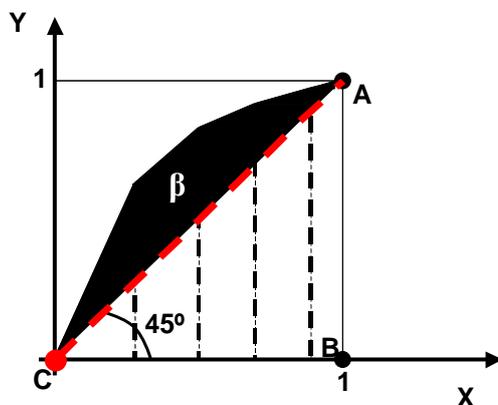
- As coordenadas de y são dadas pelas porcentagens acumuladas da variável base em um setor de interesse, pelas grandes regiões: (Y).
- As coordenadas de x são porcentagens acumuladas dessa mesma variável para todos os setores, pelas grandes regiões: (X).

9. Esse é um indicador de localização que foi originalmente proposto por Isard (1960). Desde então, tem sido tradicionalmente empregado em estudos de desenvolvimento regional. Para maiores detalhes, veja-se Haddad (1989), que reporta uma discussão sobre o quociente locacional.

10. "Uma região pouco desenvolvida industrialmente poderá apresentar um elevado índice de especialização simplesmente pela presença de uma unidade produtiva, mesmo que de dimensões modestas. (...) Outra deficiência do índice é a dificuldade para identificar algum tipo de especialização em regiões (ou municípios) que apresentam estruturas industriais mais diversificadas (...)" (SUZIGAN *et al.*, 2003).

Em ambos os casos, a ordem de entrada dos dados é referida pelo ordenamento decrescente do QL. No caso das cinco grandes regiões brasileiras, a curva final contemplaria teoricamente cinco pontos, como no gráfico 3.

GRÁFICO 3
Área de concentração originária do Gini locacional



Elaboração dos autores, com base em Krugman (1991) e Suzigan et al. (2003).

O CGL é a razão entre a área dada por β (acima) e a área do triângulo ABC, referido por uma reta de 45° entre os eixos. Por essa construção, e com base no gráfico 3, observa-se que:

$$CGL = (\beta / 0,5) = 2 \cdot \beta \quad (2)$$

No limite, o $CGL = 1$ porque o máximo valor de β é dado por $0 \leq \beta \leq 0,5$.

Conforme Suzigan et al. (2003) quanto mais próximo de um, mais concentrado territorialmente (nesse caso, em nível de grande região) o setor, e vice-versa.¹¹

Krugman empregou essa ferramenta em seu trabalho de 1991 e havia discutido alguns condicionantes que servem de lembrete na interpretação dos resultados do coeficiente.

Em primeiro lugar, é preciso ter em mente que os critérios de classificação das atividades e setores são, em alguma medida, arbitrários e condicionam o resultado final obtido. Ademais, essas classificações de regra não conseguem acompanhar o ritmo característico de setores em expansão, o qual acaba por subtrair atividades de setores menos dinâmicos.

Como segundo ponto, vale ressaltar que delimitações administrativas, como unidade de Federação, município ou grande região, não necessariamente correspondem aos limites que captam a ocorrência de um novo fenômeno econômico. Nas palavras do autor: “(...) regiões econômicas não respeitam delimitações administrativas” (KRUGMAN, 1991).

11. No caso de um país de dimensões continentais como o Brasil, o CGL – por sua construção – tenderá a ser relativamente baixo, por causa do vasto espaço territorial em decorrência de cada uma de suas grandes regiões, comparável à extensão territorial da maioria dos países europeus.

Além disso, o autor alerta para o fato de muitas variáveis construídas em censos ou pesquisas a campo (como é o caso da PAS) serem insuficientes para permitir identificar no curto prazo mudanças que levam maior período de tempo para registro de ocorrência, mas se manifestam no *modus operandi* dos agentes econômicos.

Não obstante, a idéia básica é tentar identificar uma especialização geográfica na prestação de serviços relacionados à agropecuária (hipótese), particularmente em decorrência do recente aumento da parcela relativa devida aos estados do Nordeste e Centro-Oeste (sobretudo) no total da produção agrícola do país, com perda de importância relativa de Sul e Sudeste.

Os dados empregados nesses procedimentos foram os da PAS/IBGE e os da Rais, do MTE, para o caso de uso das filiais rastreadas nas sedes da PAS.

É preciso também mencionar as Cnaes utilizadas, as quais, foram listadas a seguir, e analisadas em um só agregado (serviços relacionados à agropecuária, à silvicultura e à exploração vegetal):

- 0161-9 (serviços relacionados com a agricultura) – preparação de terrenos de cultivo, semeadura, pulverização aérea, poda de árvores, colheita, jardinagem, contratação de mão-de-obra para agropecuária etc. Não se incluem as atividades de assistência técnica rural (7416-0).
- 0162-7 (serviços relacionados com a pecuária) – inseminação artificial, alojamento e cuidado de animais domésticos, condução de animais, pastoreio, etc. Exclusive serviços veterinários (8520-6).
- 0213-5 (serviços relacionados com a silvicultura e a exploração vegetal) – avaliação de massas florestais, estimativa de valor da madeira, cuidados florestais etc. Exclusive produção de lenha, troncos (0212-7).

Como esclarecimento, vale lembrar que no escopo da PAS, a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (Embrapa) nunca foi pesquisada, pois sua Cnae (pesquisa e desenvolvimento das ciências físicas e naturais) não faz parte do âmbito da pesquisa. As empresas estaduais de extensão rural têm, por sua vez, um Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) para cada unidade da Federação (UF) e parte delas está classificada na Cnae 7416-0 (assessoria em gestão empresarial e imprensa) e, portanto, são do âmbito da PAS, mas não foram abordadas neste trabalho especificamente. Em algumas UFs, elas estão classificadas como 7310, e assim não são investigadas.¹²

4 CARACTERIZAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1 IMPORTÂNCIA E DISTRIBUIÇÃO DO SETOR

De pronto, é notável o fato de o universo de avaliação ser algo reduzido em comparação com o total de empresas prestadoras de serviços, segundo a cobertura da PAS. Cerca

12. Além disso, o escopo da pesquisa não permite isolar duas situações objetivas que ocorrem na atividade agropecuária ou de extração vegetal. Por um lado, os serviços usufruídos pelos produtores a partir das cooperativas agropecuárias e, de outra parte, os serviços profissionais contratados em firmas individuais, na forma de serviços de assistência agrônômica, por exemplo.

de 0,5% das empresas presentes em todas as Cnaes pertencem ao objeto de estudo deste trabalho, o que significa em termos absolutos quase 4 mil empresas.

Sobre tais argumentos, observe-se a tabela 1.

TABELA 1

Empresas prestadoras de serviços relacionados à agropecuária¹³

	Empresas de interesse	Todas as empresas
1998	1.622	601.612
1999	7.268	703.593
2000	3.026	709.436
2001	3.540	809.575
2002	3.884	945.143

Fonte: PAS do IBGE.

Elaboração dos autores.

Esses números significam dizer que, em média, no período de 1998 a 2002, uma em cada 200 empresas prestadoras de serviços era uma empresa prestadora de serviços relacionados à agropecuária ou à exploração vegetal.

Do ponto de vista da importância relativa das empresas avaliadas em relação ao PO Médio do total de atividades, por sua vez, é possível identificar uma diferenciação geográfica, com base nas grandes regiões brasileiras.

Nesse sentido, observa-se que nas Regiões Sul e Sudeste as empresas prestadoras de serviços relacionados à agropecuária são relativamente mais importantes em termos do estoque de trabalhadores ocupados pelas atividades de serviços. Na Região Centro-Oeste, a participação das Cnaes de interesse no PO Médio do total de prestadoras de serviços cresceu substancialmente em 2002, movimento contrário ao verificado na Região Nordeste ao longo do período analisado.

Quanto à Região Norte, a grande variabilidade dos percentuais obtidos deve estar associada ao fato de as empresas pesquisadas, nesse caso, estarem localizadas apenas nas capitais estaduais daquela região.¹⁴

TABELA 2

Parcela das empresas do setor no Pessoal Ocupado Médio (PO Médio) do total de atividades de serviços

(Em %)

Período	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Norte	Nordeste
1998	0,38	0,31	0,45	0,62	1,00
1999	0,90	1,07	0,46	0,20	0,75
2000	0,89	1,09	0,42	0,64	0,38
2001	1,11	0,90	0,43	0,20	0,57
2002	1,02	1,13	0,66	0,68	0,51
Média 1998-2002	0,86	0,90	0,49	0,47	0,64

Fonte: PAS do IBGE.

Elaboração dos autores.

13. Os valores podem diferir das publicações da PAS por causa de atualizações posteriores à divulgação dos respectivos resultados, até mesmo porque os valores originais do banco de dados passam por revisões.

14. Nas unidades da Federação da Região Norte (Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará, Amapá e Tocantins), a empresa deve estar sediada nos municípios das capitais para participar do processo de amostragem da PAS.

Foram também detectados pequenos percentuais em relação à participação das empresas avaliadas nas principais variáveis financeiras do total de atividades prestadoras de serviços, para todas as grandes regiões.

Na comparação de importância relativa entre as regiões, destacam-se as maiores proporções encontradas na Região Sul do Brasil, sempre acima de 0,50% na média do período 1998-2002. Além disso, os níveis de gastos com pessoal e salários e retiradas dessas empresas são relativamente mais importantes no total dessas variáveis para as Regiões Sul, Norte e Nordeste, o que pode sugerir que nessas regiões tais atividades são mais intensas em fator trabalho que nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste.

TABELA 3

Importância do setor em variáveis financeiras do total de atividades

(Em %)

	RL	RT	CD	GP	SR
Sudeste					
1998	0,11	0,11	0,08	0,18	0,20
1999	0,42	0,34	0,16	0,40	0,40
2000	0,18	0,16	0,08	0,27	0,30
2001	0,21	0,15	0,06	0,34	0,39
2002	0,27	0,21	0,12	0,41	0,47
Média 1998-2002	0,24	0,19	0,10	0,32	0,35
Sul					
1998	0,35	0,27	0,07	0,78	1,02
1999	0,98	1,24	2,03	1,11	1,27
2000	0,29	0,28	0,15	0,44	0,49
2001	0,38	0,32	0,20	0,51	0,58
2002	0,55	0,51	0,36	0,56	0,63
Média 1998-2002	0,51	0,53	0,56	0,68	0,80
Centro-Oeste					
1998	0,29	0,27	0,46	0,53	0,56
1999	0,19	0,19	0,14	0,48	0,55
2000	0,34	0,24	0,19	0,23	0,30
2001	0,23	0,16	0,13	0,26	0,29
2002	0,34	0,20	0,17	0,32	0,40
Média 1998-2002	0,28	0,21	0,22	0,36	0,42
Norte					
1998	0,04	0,30	0,03	0,91	0,93
1999	0,20	0,30	0,43	0,34	0,35
2000	0,31	0,46	0,23	0,85	0,91
2001	0,17	0,16	0,14	0,17	0,18
2002	0,23	0,35	0,12	0,87	0,86
Média 1998-2002	0,19	0,31	0,19	0,63	0,65
Nordeste					
1998	0,20	0,76	0,69	1,64	1,63
1999	0,15	0,45	0,13	1,28	1,21
2000	0,13	0,14	0,03	0,31	0,34
2001	0,21	0,31	0,34	0,40	0,43
2002	0,20	0,19	0,17	0,37	0,37
Média 1998-2002	0,18	0,37	0,27	0,80	0,80

Fonte: PAS do IBGE.

Elaboração dos autores.

Obs.: Receita Líquida (RL); Receita Total (RT); Custos e Despesas no ano (CD); Gastos com Pessoal (GP); e Salários e Retiradas (SR).

De outra parte, no que diz respeito à distribuição da mão-de-obra das empresas do setor entre sedes e filiais, nos cinco anos de dados analisados, identifica-se uma grande expansão da mão-de-obra nas empresas-sede entre 1998 e 1999, enquanto as taxas de crescimento da mão-de-obra nas filiais vêm sendo sucessivamente maiores desde 1999.

Sobre esse ponto, também é preciso reconhecer que, como os dados de mão-de-obra das filiais foram obtidos da Rais, eles somente captam vínculos de trabalho formais, o que pode em certa medida subestimar o volume de mão-de-obra ocupada nas filiais.

Esses elementos podem sugerir uma maior penetração recente da atividade nas áreas de fronteira agropecuária, ou, alternativamente, a expansão do uso de trabalho por meio de um modelo descentralizado das operações no espaço geográfico rural.

Quanto a tais comentários, observe-se a tabela 4.

TABELA 4

Mão-de-obra e seu crescimento nas empresas do setor, sedes e filiais

Período	Sede	Crescimento	Filial	Crescimento
1998	31.657		3.694	
1999	63.989	102%	2.699	-27%
2000	70.965	11%	3.367	25%
2001	110.305	55%	4.550	35%
2002	111.755	1%	9.969	119%

Fonte: PAS do IBGE (sedes) e Rais/MTE (filiais).

Elaboração dos autores.

Um outro recorte importante se refere à mão-de-obra ocupada por essas atividades. No Brasil, as empresas-sede do setor concentram suas ocupações no pessoal com 4ª série incompleta até 8ª série completa. O número de pessoas ocupadas nessas categorias foi crescente em praticamente todo o período entre 1998 e 2002.

Até por causa desses elementos, em termos proporcionais, as categorias de escolaridade dominantes são a da 4ª série incompleta, a da 4ª série completa e a de 8ª série incompleta, com destaque para a primeira, cuja participação no total de pessoal ocupado pelo setor nas empresas sedes vem crescendo desde 1999.

Em contrapartida, também chama atenção a queda de participação das categorias “superior completo” e “superior incompleto”, ao longo do intervalo de tempo disponível para a pesquisa. Esses detalhes podem ser verificados nas tabelas 5 e 6.

TABELA 5

Perfil de escolaridade nas empresas-sede do setor, número de pessoas

Brasil	1998	1999	2000	2001	2002
Analfabeto	1.241	7.853	3.279	5.436	6.394
4ª série incompleta	12.173	12.459	17.973	35.987	41.401
4ª série completa	7.812	10.655	28.526	42.116	33.046
8ª série incompleta	3.068	4.398	9.572	12.465	15.569
8ª série completa	2.142	4.879	4.822	7.803	8.196
2º grau incompleto	710	5.105	1.321	2.877	2.126
2º grau completo	2.501	16.927	4.500	2.896	4.011
Superior incompleto	437	563	274	196	408
Superior completo	1.572	1.150	698	528	604
Total	31.657	63.989	70.965	110.305	111.755

Fonte: PAS do IBGE.

Elaboração dos autores.

TABELA 6

Distribuição da escolaridade da mão-de-obra nas empresas sede do setor

(Em %)

Brasil	1998	1999	2000	2001	2002
Analfabeto	4	12	5	5	6
4ª série incompleta	38	19	25	33	37
4ª série completa	25	17	40	38	30
8ª série incompleta	10	7	13	11	14
8ª série completa	7	8	7	7	7
2º grau incompleto	2	8	2	3	2
2º grau completo	8	26	6	3	4
Superior incompleto	1	1	0	0	0
Superior completo	5	2	1	0	1
Total	10	100	100	100	100

Fonte: PAS do IBGE.

Elaboração dos autores.

No caso das unidades filiais do setor, valem também os comentários feitos para o caso das empresas-sede, conforme as tabelas 7 e 8. Todavia, há duas particularidades que merecem citação. Ao longo do período, cerca de uma em cada três pessoas nas empresas filiais possuía a 4ª série incompleta. De 1998 a 2002, entre as empresas filiais, a escolaridade dominante é a da 4ª série incompleta, o que não é tão claro no contexto das sedes.

Outro ponto importante na comparação entre mão-de-obra das sedes e filiais é que, na média do período, apenas cerca de 7% da mão-de-obra ocupada no setor se encontrava nas filiais. Como a mão-de-obra medida nas filiais é exclusivamente formal, a ocupação no setor pode estar se dando primordialmente nas empresas-sede (surgimento de novas firmas), por meio de contratos formais, mas, sobretudo, mediante relações informais de trabalho.

TABELA 7

Perfil de escolaridade nas empresas filiais do setor, número de pessoas

Brasil	1998	1999	2000	2001	2002
Analfabeto	273	212	229	228	317
4ª série incompleta	1.489	828	1.164	1.727	3.359
4ª série completa	716	461	625	646	3.097
8ª série incompleta	407	599	332	730	1.057
8ª série completa	149	96	588	691	994
2º grau incompleto	280	150	132	192	298
2º grau completo	338	274	234	288	712
Superior incompleto	16	13	8	6	36
Superior completo	26	66	55	42	99
Total	3.694	2.699	3.367	4.550	9.969

Fonte: Rais/MTE.

Elaboração dos autores.

TABELA 8

Distribuição da escolaridade da mão-de-obra nas empresas filiais do setor

(Em %)

Brasil	1998	1999	2000	2001	2002
Analfabeto	7	8	7	5	3
4ª série incompleta	40	31	35	38	34
4ª série completa	19	17	19	14	31
8ª série incompleta	11	22	10	16	11
8ª série completa	4	4	17	15	10
2º grau incompleto	8	6	4	4	3
2º grau completo	9	10	7	6	7
Superior incompleto	0	0	0	0	0
Superior completo	1	2	2	1	1
Total	100	100	100	100	100

Fonte: Rais/MTE.

Elaboração dos autores.

4.2 QUOCIENTE LOCACIONAL (QL) E COEFICIENTE DE GINI LOCACIONAL (CGL)

No que se reporta ao pessoal ocupado médio das empresas observadas, as Regiões Sul e Sudeste se mostraram relativamente mais importantes para os serviços relacionados à agropecuária do que para o conjunto dos setores de serviços. No caso específico da Região Sudeste, seu quociente locacional apresentou-se razoavelmente estável entre 1999 e 2002.

O Nordeste perdeu importância desse ponto de vista. Essa região foi relativamente menos importante para os serviços relacionados à agropecuária do que para o conjunto dos setores de serviços, tratando-se de pessoal ocupado médio nas respectivas unidades fornecedoras de serviços.

As Regiões Centro-Oeste e Norte, por sua vez, exibiram QL com grande variabilidade. No caso do Norte, a questão deve estar relacionada à própria estratégia de amostragem da PAS naquela área. O Centro-Oeste, ao longo dos cinco anos de observações, foi mais importante para as ocupações dos setores de serviços como um todo do que para os serviços relacionados à agropecuária em específico.

Por fim, o indicador medido, em 2002, nas Regiões Sul e Sudeste, é maior que os respectivos valores de 1998 ou superior à média do período 1998-2001. Isto é, essas regiões parecem estar se tornando mais importantes para os serviços prestados à agropecuária e à extração vegetal do que para o agregado do setor de serviços, em termos de pessoal ocupado.

TABELA 9

Quociente locacional da mão-de-obra nas empresas do setor

1998	QL	1999	QL	2000	QL	2001	QL	2002	QL
Nordeste	2,191	Sul	1,260	Sul	1,342	Sudeste	1,190	Sul	1,197
Norte	1,357	Sudeste	1,055	Sudeste	1,089	Sul	0,965	Sudeste	1,087
Centro-Oeste	0,992	Nordeste	0,879	Norte	0,781	Nordeste	0,609	Norte	0,723
Sudeste	0,826	Centro-Oeste	0,538	Centro-Oeste	0,522	Centro-Oeste	0,463	Centro-Oeste	0,704
Sul	0,676	Norte	0,233	Nordeste	0,472	Norte	0,218	Nordeste	0,543

Fonte: PAS do IBGE.

Elaboração dos autores.

No âmbito da distribuição espacial dos estabelecimentos, a Região Sul foi a que se mostrou relativamente mais importante para os serviços relacionados à agropecuária do que para o total dos setores de serviços, no período analisado. Nela, o quociente locacional foi, em regra, superior à unidade.

Além disso, as Regiões Sul e Norte¹⁵ foram aquelas nas quais o indicador, em 2002, era maior do que sua média do período 1998-2001, e maior do que o valor de 1998, simultaneamente.

No caso da Região Nordeste, a partir de 1998, o QL foi inferior à unidade, o que pode sugerir também para o caso do número de estabelecimentos que a região é relativamente menos importante para os serviços agropecuários do que para os serviços como um agregado.

15. Essas mudanças podem estar associadas ao aumento da parcela amostrada da pesquisa. Em 2000 houve uma mudança na abertura da amostra, de modo que o número de atividades foi mais detalhado, o que resultou a duplicação do número de empresas amostradas para a maioria das Cnaes da PAS.

TABELA 10

Quociente locacional do total de estabelecimentos das empresas do setor

1998	QL	1999	QL	2000	QL	2001	QL	2002	QL
Centro-Oeste	2,101	Sul	1,350	Norte	2,069	Sudeste	1,071	Sul	1,819
Sul	1,655	Sudeste	1,081	Sul	1,328	Sul	0,968	Centro-Oeste	1,765
Nordeste	1,379	Nordeste	0,472	Centro-Oeste	0,945	Nordeste	0,888	Norte	1,520
Norte	1,131	Centro-Oeste	0,401	Sudeste	0,891	Centro-Oeste	0,865	Sudeste	0,637
Sudeste	0,266	Norte	0,252	Nordeste	0,609	Norte	0,277	Nordeste	0,340

Fonte: PAS do IBGE.

Elaboração dos autores.

Como último ponto, ao avaliarem-se os resultados do QL para o pessoal ocupado médio e para o número de estabelecimentos, pode-se aventar a idéia de que a Região Sudeste está se tornando relativamente mais importante para o setor em termos de ocupação do que em termos do número de empresas prestadoras desses serviços no respectivo território.

Finalmente, uma avaliação do índice calculado sugere uma desconcentração geográfica das atividades selecionadas. Os dados calculados para o CGL de PO Médio nos serviços relacionados à agropecuária não sugerem uma especialização regional dessas atividades. Ao contrário, parece haver um processo ou uma tendência de dispersão desses serviços pelo território nacional, com base nas grandes regiões administrativas brasileiras.

Alguns pontos são particularmente notáveis, a saber:

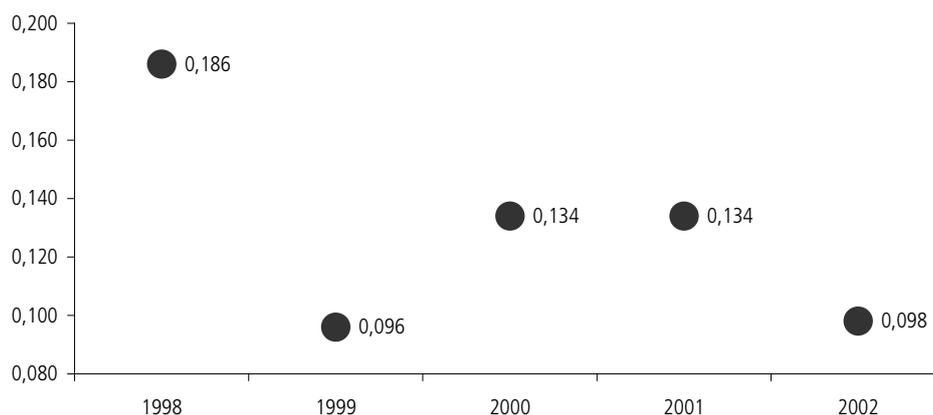
- Quanto mais próximo de um o CGL, mais concentrado territorialmente (nesse caso, em termos de regiões) é a atividade, e vice-versa. Em nenhuma das avaliações o CGL resultou acima de 0,50.
- As medidas para número de estabelecimentos sugerem desconcentração espacial dessas atividades até 2001. O dado de 2002 aponta uma leve concentração territorial das atividades avaliadas; porém, ainda abaixo de 0,30.
- Em termos de pessoal ocupado médio, os resultados foram bastante mais suaves entre os anos disponíveis para o cálculo; todavia, o patamar de oscilação (entre 0,09 e 0,20) ainda não permite referir uma concentração das atividades no espaço. Interessantemente, há uma maior estabilidade geográfica na concentração de mão-de-obra exigida pela atividade do que no número de estabelecimentos que a compõe, entre as diversas regiões brasileiras.

De fato, pode ser que a premissa correta seja outra. Vale dizer, em vez de se partir de um movimento de dispersão para uma concentração (em torno do Centro-Oeste, hipoteticamente), o que pode estar ocorrendo é o inverso: transitando-se de um momento inicial de relativa concentração espacial das prestadoras desses serviços para uma etapa de expansão geográfica dessas empresas.

Dado o reduzido número de anos disponíveis para a investigação não é possível definir a direção do fenômeno.¹⁶ Assim, um mais prolongado esforço de pesquisa é requerido para que se obtenha uma conclusão a respeito.

16. A mensuração precisa do fenômeno exigiria levar em conta não só o CGL para as variáveis de interesse no setor escolhido, mas também avaliar sua *performance* para a população e a densidade econômica (produto, por exemplo) nos mesmos espaços geográficos tomados como base, o que pode vir a ser parte do segundo estágio desse estudo.

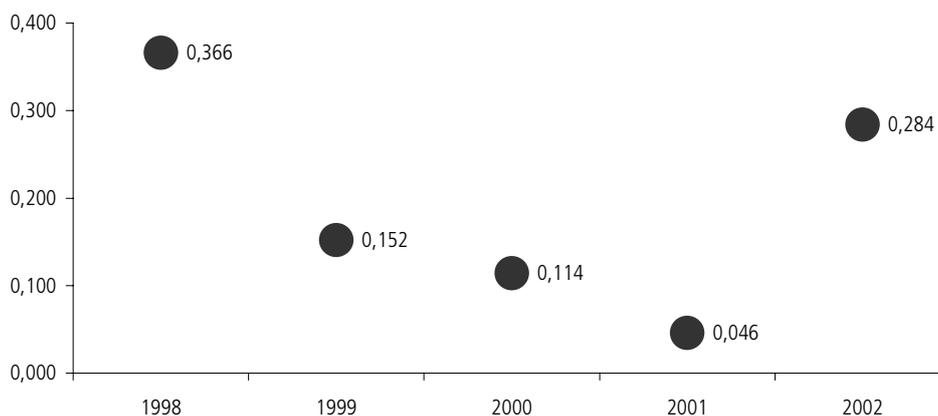
GRÁFICO 4

CGL entre regiões para a mão-de-obra nas empresas do setor, Brasil

Fonte: PAS do IBGE.

Elaboração dos autores.

GRÁFICO 5

CGL entre regiões para o total de estabelecimentos do setor, Brasil

Fonte: PAS do IBGE.

Elaboração dos autores.

5 CONCLUSÕES

Os resultados obtidos neste trabalho oferecem alguns indicadores recentes acerca da prestação de serviços relacionados à agropecuária e à extração vegetal, tanto do ponto de vista da distribuição espacial como da ótica das respectivas empresas do setor.

Os dados da PAS/IBGE mostram, em primeiro lugar, um crescimento do número das respectivas empresas entre 1998 e 2002, de forma que representam cerca de 4 mil unidades produtoras de serviços no país.

Tal número, dada a grande diversidade de atividades englobadas no setor de serviços, é nada desprezível, especialmente quando se leva em conta que a PAS é uma pesquisa relativamente nova, em comparação com outras pesquisas do IBGE, como a Pesquisa Industrial Anual (PIA) ou a Produção Agrícola Municipal (PAM).

Enquanto isso, os dados de distribuição de mão-de-obra entre sedes e filiais parecem sinalizar para um aumento mais do que proporcional no uso de mão-de-obra por parte das empresas sedes. Acerca desse ponto, ressalve-se que, como os dados das filiais contemplam apenas postos formais de trabalho, o crescimento no uso de mão-de-obra por parte das unidades filiais pode estar subestimado.

Além disso, a mão-de-obra empregada de regra é de reduzida qualificação nacionalmente. Tanto nas unidades sedes quanto nas filiais das empresas do setor, a maior parcela de trabalhadores apresenta 4ª série incompleta ou 4ª série completa.

Outro ponto se refere aos quocientes locacionais obtidos para pessoal ocupado e número de estabelecimentos do setor. Por um lado, a Região Sul do país tem se mostrado relativamente mais importante para as empresas do setor do que para o agregado do setor de serviços, na contramão do papel desempenhado pela Região Nordeste. De outro lado, o Sudeste se mostrou relativamente mais importante para as Cnaes analisadas no quesito pessoal ocupado do que em termos do total de empresas do setor em sua área geográfica.

Por fim, o CGL não ratificou a existência de um movimento de concentração das empresas do setor em direção ao Centro-Oeste. Na realidade, a hipótese em vigor pode ser a inversa, qual seja, a de que existe uma dispersão das empresas prestadoras desse tipo de serviço.

Não obstante, a análise dos quocientes locacionais aponta algo ainda mais distinto da hipótese inicial, ou seja, a idéia de que uma eventual concentração das empresas do setor, se existir, dá-se no sentido das tradicionais Regiões Sul e Sudeste.

Essa nova hipótese é plausível teoricamente, uma vez que os serviços se constituem em uma relação econômica quase pós-industrial, característica das regiões de capitalismo avançado. Como as Regiões Nordeste e Centro-Oeste não se enquadram nesse perfil, e como o Brasil detém regiões de dimensões continentais, é necessário um número maior de anos de dados disponíveis e maior número de empresas – que possibilitariam maior desagregação – para uma conclusão acerca da dispersão ou concentração espacial das Cnaes de interesse, o que aponta para a continuidade deste trabalho.

Além disso, o lembrete de que critérios administrativos não necessariamente captam a ocorrência de um novo fenômeno econômico continua válido, em especial no caso da produção agropecuária – e dos serviços a ela correlatos – diretamente afetados por condições naturais preexistentes de solo e clima.

Por fim, acerca da discussão desenvolvida neste trabalho, não se pode deixar de citar a necessidade de políticas de extensão que levem em conta os diferentes perfis regionais identificados no trabalho, tanto mais no atual cenário de precarização dos serviços de extensão rural prestados pelos órgãos governamentais, em detrimento, sobretudo, dos pequenos e médios produtores.

No caso do setor agropecuário e das atividades extrativas vegetais, as especificidades regionais são condicionantes objetivas não só da produção final como também dos serviços prestados em suporte e apoio, especialmente no caso de um país de vasto espaço geográfico e sob variadas condições edafo-climáticas, como é o caso brasileiro.

REFERÊNCIAS

- BACHA, C. J. C. *Economia e política agrícola no Brasil*. São Paulo: Atlas, 2004. 226p.
- BRANDÃO, A. S. Aumento da produtividade e exportação: uma análise exploratória. *In: SEMINÁRIO IMPACTOS DA MUDANÇA TECNOLÓGICA DO SETOR AGROPECUÁRIO NA ECONOMIA BRASILEIRA*, 2002. Embrapa: Brasília, DF. *Anais...* 2002.
- CANADIAN CO-OPERATIVE ASSOCIATION (CCA). *Agricultural Co-ops: revitalizing our rural communities*. Ottawa: Canadian Co-Operative Association, data não disponível. 2 p.
- CONCEIÇÃO, J. C. P. R. da; ALMEIDA, M. Inovação na Indústria de alimentos no Brasil: identificação dos principais fatores determinantes. *In: DE NEGRI, J. A.; SALERNO, M. S. (Orgs.). Inovações, padrões tecnológicos e desempenho das firmas industriais brasileiras*. Brasília: Ipea, 2005. 713p.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA). CONGRESS OF THE UNITED STATES. *Agricultural Commodities as Industrial Raw Materials*. Washington: U.S. Government Printing Office, 1991. 113p.
- CSAKI, C. Agricultural higher education in transforming Central and Eastern Europe. *Agricultural economics*, v. 21, p. 109-120, 1999.
- DEARDORFF, A. *Glossary of international economics*. 2005. Disponível em: <<http://www-personal.umich.edu/~alandear/glossary>>. Acesso em: 15 nov. 2005.
- FERREIRA, B.; GARCIA, R. C. *Financiamento da agricultura brasileira: avaliação do programa nacional de fortalecimento da agricultura (Pronaf)*. Brasília: Ipea, 2002. 41p.
- GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS AGROINDUSTRIAIS (Gepai). *Recursos humanos e agronegócio: a evolução do perfil profissional*. Jaboticabal: Editora Novos Talentos, 2005. 320p.
- GUILHOTO, J. J. *et al.* A importância do agronegócio familiar no Brasil. XLIII CONGRESSO DA SOBER: INSTITUIÇÕES, EFICIÊNCIA, GESTÃO E CONTRATOS NO SISTEMA AGROINDUSTRIAL, 2005. 20p.
- HADDAD, P. R. Medidas de localização e de especialização. *In: HADDAD, P. R. et al. (Org.). Economia regional: teorias e métodos de análise*. Fortaleza: BNB/Etene, 1989.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Anual de Serviços*. Rio de Janeiro: IBGE, 1998-2002.
- _____. *Pesquisas agropecuárias*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. 92 p (Série Relatórios Metodológicos, v. 6).
- _____. Indicadores IBGE. *Estatística da Produção Agropecuária*, set. 2005. Rio de Janeiro: IBGE, 2005a. 11p.

_____. *Produção agrícola municipal*. Rio de Janeiro: IBGE, vários números. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 19 dez. 2005b.

ISARD, W. *Methods of regional analysis*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1960.

KRUGMAN, P. *Geography and trade*. Cambridge: MIT Press, 1991.

LOH, D. The prospect of developing a new paradigm of MBA for agribusiness. *International Conference on Agriculture, Science and Technology*, 2001.

MEIRELLES, D. S. *O setor de serviços e os serviços de infra-estrutura econômica*. Tese de doutorado. Instituto de Economia. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2003. 207p.

MELO, H. P. *et al. Os serviços no Brasil: uma visão global – 1985-1995*. Rio de Janeiro: Ipea, 1998. 42p. (Texto para Discussão, n. 549).

OLIVEIRA JR., M. *Uma análise da liberalização do comércio internacional de serviços no Mercosul*. Rio de Janeiro: Ipea, 2000. 36p. (Texto para Discussão, n. 727).

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO (MTE). *Relação Anual das Informações Sociais* (Rais). Brasília: MTE, 1998-2002.

REZENDE, G. C. *Políticas trabalhista e fundiária e seus efeitos adversos sobre o emprego agrícola, a estrutura agrária e o desenvolvimento territorial rural no Brasil*. Rio de Janeiro: Ipea, ago. 2005, 40p. (Texto para Discussão, n. 1.108).

RIDDLE, D. I. *Issues Regarding Small Service Suppliers*. 2002. 31p.

ROBINSON, D. *Economics report: agriculture and the local economy of Kings County, Nova Scotia*. Halifax: Nova Scotia Department of Agriculture and Marketing, 1999. 26p.

SUZIGAN, W. *et al. Coeficientes de Gini Locacionais (GL): aplicação à indústria de calçados do Estado de São Paulo*. *Nova Economia*, v. 13, n. 2, p. 39-60, 2003.

WATERLOO WELLINGTON TRAINING AND ADJUSTMENT BOARD (WTAB). *Labour Market Environmental Scan – Summary Report 2002*. Ontario: WTAB, 2002. 20p.

WELLS, B. *Smart Growth Frontier: strategies and resources for rural communities*. Washington: Northeast-Midwest Institute, 2002. 84p.

WILLET, A. *Agricultural education review – support for agricultural education in the bank and by other donors*. Agricultural Knowledge Information Systems (AKIS). Thematic Team, The World Bank's Rural Development Network, Draft, 1998.

EDITORIAL

Coordenação

Iranilde Rego

Supervisão

Aeromilson Mesquita

Revisão

Luísa Guimarães Lima

Maria Carla Lisboa Borba

Camila de Paula Santos (estagiária)

Karen Varella Maia Corrêa (estagiária)

Olavo Mesquita de Carvalho (estagiário)

Sheila Santos de Lima (estagiária)

Editoração

Elidiane Bezerra Borges

Gustavo de Souza Ferraz de Oliveira

Brasília

SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES, 9º andar

70076-900 – Brasília – DF

Fone: (61) 3315-5090

Fax: (61) 3315-5314

Correio eletrônico: editbsb@ipea.gov.br

Rio de Janeiro

Av. Nilo Peçanha, 50, 6º andar – Grupo 609

20044-900 – Rio de Janeiro – RJ

Fone: (21) 3515-8433

Fax: (21) 3515-8402

Correio eletrônico: editrj@ipea.gov.br

COMITÊ EDITORIAL

Secretário-Executivo

Marco Aurélio Dias Pires

SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES,
9º andar, sala 908

70076-900 – Brasília – DF

Fone: (61) 3315-5406

Correio eletrônico: madp@ipea.gov.br

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)